

José Sarney toma posse na maior festa da Academia

— Já não tenho mais sonhos. Hoje, realizei o sonho que me faltava: ser imortal.

Com essas palavras, o senador José Sarney, presidente nacional do PDS, tomou posse ontem na cadeira n.º 38 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é Tobias Barreto. Foi "a maior festa da história da Academia", segundo o acadêmico Austregésilo de Athayde: estavam presentes 1.500 pessoas, entre as quais o presidente João Figueiredo, o vice-presidente Aureliano Chaves, 13 governadores e nove ministros.

Sarney foi saudado pelo acadêmico Josué Montello, que o chamou de "um maranhense maior". O senador vestiu o fardão — que lhe foi doado pelo governo do Maranhão —, fez um discurso de 53 páginas e não escondeu de ninguém sua alegria:

— Este fardão, é o próprio símbolo da tradição da cultura brasileira. Vesti-lo, para mim, é como carregar o próprio Brasil.

A FESTA

O senador José Sarney foi uma das primeiras pessoas a chegar à sede da Academia Brasileira de Letras, por volta das 19h30m. Aos jornalistas que o aguardavam, confessou que não agüentava mais ficar trancado no apartamento do Hotel Glória em que se hospeda há 18 anos.

— Estava doido para chegar aqui, ver as pessoas e me tornar logo imortal — disse ele, sorrindo.

Quando os primeiros convidados apareceram, Sarney foi até o salão nobre e posou ao lado dos antigos acadêmicos, cumprindo um ritual que vem desde Machado de Assis. Depois, quando já havia uma pequena multidão no saguão da Academia, foi receber seus convidados. Estava nervoso ("Rapaz, eu lhe digo: é mais fácil tomar posse no Senado do que aqui"), falou em José Américo de Almeida, que ocupou a cadeira n.º 38 antes dele, e só se descontraiu quando chegou o líder da Oposição no Senado, Paulo Brossard.

— Então, a Oposição veio me prestigiar? — perguntou a Brossard.

— Você tinha dúvida? — respondeu o senador do PMDB.

E no saguão o senador maranhense ficou até a chegada da comitiva presidencial, às 21 horas. Nesse instante, o presidente da Academia, Austregésilo de Athayde, e os acadêmicos Rachel de Queiroz, José Cândido de Carvalho e dom Marcos Barbosa juntaram-se a Sarney para recepcionar o presidente Figueiredo.

Ao descer do carro, Figueiredo deu um demorado abraço em Austregésilo e cumprimentou os três acadêmicos. Sorriu para Sarney, abraçou-o e disse, baixinho:

— Então, meu presidente, você virou acadêmico mesmo?

O senador respondeu:

— Era o meu sonho, presidente.

Figueiredo foi conduzido ao salão nobre pela comissão de acadêmicos, enquanto Sarney esperava a vez de também entrar. Outros três acadêmicos — Afonso Arinos de Mello Franco, Viana Moog e Deolindo Couto — introduziram o senador no salão, onde foi muito aplaudido.

O primeiro a discursar foi o próprio Sarney. Em 40 minutos, exaltou a memória de José Américo de Almeida e fez uma retrospectiva de sua própria carreira de escritor e político. Em seguida, das mãos do vice-deão da ABL, Pedro Calmon, recebeu a espada (doada pelo Governo de Pernambuco) e o colar (um presidente da população de sua cidade natal, Pinheiro). Depois, Austregésilo de Athayde fez-lhe a entrega do diploma de acadêmico e o declarou empossado.

A solenidade prosseguiu com um discurso de 28 páginas de Josué Montello, que saudou o novo acadêmico em nome dos demais. Montello falou sobre a obra literária de Sarney e fez uma breve análise do "Norte das Águas", livro publicado em 1969 e reeditado no ano passado.

— Fizestes bem — disse Josué Montello — quando vos orientastes para a nossa companhia. Trazeis para o acervo de nossas glórias todas as conquistas de vossa vida pública, aureolada pelo saldo da juventude de que nos dais bom testemunho. Nossa imortalidade, ao contrário do que se presume lá fora, não é a vida perene — é apenas o nome repetido.

Como havia muita gente do lado de fora do salão nobre (que tem capacidade para 300 pessoas), foram instalados cin-

co televisores a cores para que se pudesse acompanhar a solenidade. Após o discurso de Josué Montello, o presidente João Figueiredo deu a sessão por encerrada e foi servido um coquetel.

OS PRESENTES

Compareceram à posse de José Sarney o vice-presidente Aureliano Chaves; os ministros Eduardo Portella, da Educação; Mário Andreazza, do Interior; Danilo Venturini, do Gabinete Militar; Jair Soares, da Previdência Social; Waldyr Arcoveiro, da Saúde; Saíd Farhat, da Comunicação Social; Hélio Beltrão, da Desburocratização; Ibrahim Abi-Ackel, da Justiça; e Camilo Pena, da Indústria e Comércio.

Também estavam presentes os governadores Chagas Freitas, do Rio de Janeiro; Paulo Maluf, de São Paulo; Francolino Pereira, de Minas Gerais; Antônio Carlos Magalhães, da Bahia; Guilherme Palmeira, de Alagoas; Tarcísio Burty, da Paraíba; Lavoisier Maia, do Rio Grande do Norte; João Castelo, do Maranhão; Marco Maciel, de Pernambuco; Eurico Resende, do Espírito Santo; Alacid Nunes, do Pará; José Lindoso, do Amazonas; Lucídio Portela, do Piauí.

E ainda: o líder do Governo na Câmara, deputado Nelson Marchezan; o diretor-redator-chefe do GLOBO, Roberto Marinho; o diretor de Jornalismo do GLOBO, Evandro Carlos de Andrade; o presidente da Caixa Econômica Federal, Gil Macieira; o prefeito de São Paulo, Reynaldo de Barros; o ex-governador Abreu Sodré; o ex-prefeito Marcos Tamoyo; os deputados Bías Fortes (PDS-MG), Prisco Viana (PDS-BA) e Edson Lobão (PDS-MA); os senadores Nelson Carneiro (PMDB-RJ) e Paulo Brossard (PMDB-RS); o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco; os ex-ministros João Paulo dos Reis Velloso e Armando Falcão; os empresários Mário Garnero e José Papa Júnior; o prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco; o vice-governador Hamilton Xavier; o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni entre outros.

Dos 40 acadêmicos, apenas sete não compareceram: Jorge Amado, Mário Palmério, Dinah Silveira de Queiroz, Menotti Del Picchia, Alceu Amoroso Lima, Antônio Houaiss e Mauro Mota.

'Política tem muito de realidade e de sonho'

A seguir, trechos do discurso do senador José Sarney:

● "Que incompatibilidade tem a política com a literatura? São dois rios, duas faces, dois mundos não antagônicos. Um, o mundo pragmático, da realidade, do concreto. Outro, do abstrato, da criação, da cor, dos sons, da palavra. Mas política 'tem muito de realidade e de sonho'. E acrescento: de ficção.

"Em política, a ação é em grande parte palavra — tanto a que se diz e a que se cala, como a que se ouve e a que se guarda; a que se imagina ter sido silenciada como principalmente a que se cumpre".

● "Fecho os olhos da ausência para pensar nos que aqui estariam. Um deles vou buscar no retiro dos santos para que abençoe este momento: Odylo Costa, filho. Foi ele quem me fez possuir da sedução de subir estas montanhas. Mãos quentes de irmão que apertei a vida toda, mãos frias de eternidade que num domingo cinzento de agosto, aqui, nesta casa, beijei, na saída da morte".

● "O mundo da criação literária deu-me condições de suportar o saibo das amargas. A esta fidelidade, a este amor sem voltar a vossa escolha reconheceu. E agora, na comunhão desta paixão comum, estou aqui, menor que todos vós e maior do que eu mesmo".

● "Não fosse o Maranhão, eu aqui não estaria. As letras no Maranhão dão título de nobreza e braço de prestar.

"Maranhão, onde os púlpitos guardam até hoje a voz de fogo daquele Padre clamando contra o morticínio e a escravidão dos índios: Vieira, o Vieira que crescia e falava com os homens comuns, reis e Deus, orando e protestando com a mesma voz".

● "Esta é uma cadeira marcada pela política. Ela foi o fato capaz de, alcançando um tratamento transcendente, entrar nos domínios da arte, por intermédio da participação literária de seus ocupantes".

● "Escritor e político é também José Américo de Almeida, a figura solar que tenho a honra de suceder. O núcleo de



sua personalidade é o político, o idealismo do homem público com um grande amor à sua região".

● "Machado de Assis teve esse sentimento político, e seus biógrafos acrescentam que aqui foi 'o seu Senado Vitalício'".

● "Magalhães Júnior, estudando o lado desconhecido de Machado de Assis, pôs em evidência o seu gosto pela política e no seu livro dá o testemunho da candidatura do notável escritor a deputado pelo 2.º Distrito de Minas Gerais em 1866".

● "A campanha de 37 morre na ponta de um golpe de Estado. Vem a escuridão. José Américo somente volta à cena em 45, bradando pela liberdade de imprensa".

● "A Bagaceira vai criar uma mentalidade nova, uma visão diferente das secas, um despertar de posições. Na literatura inicia-se um veio perene e forte. Na política uma visão científica e social do Nordeste".

● "Galbraith, economista e humanista, diz que o que deve valer é a qualidade de nossa vida e não a quantidade de bens. A sociedade industrial cria valores materiais. A cultura deve estar hoje, na mesa do planejador, numa prioridade que possa fazer entender que o Brasil somente será uma potência econômica, política e militar quando for uma potência cultural.

"O Brasil deve investir maciçamente no setor cultural. Precisamos criar o nosso renascimento".